

Educação Musical para quê e para quem?

Aline Dallazemⁱ 

Universidade do Planalto Catarinense, Lages, SC, Brasil

1

Resumo

Este trabalho é parte da pesquisa que investigou a trajetória profissional dos egressos do curso de Licenciatura em Música de uma universidade de Santa Catarina. No entanto, este artigo especificamente, apresenta um recorte quanto à reflexão sobre a função da educação musical na formação dos alunos de escolas de educação básica e como ocorre o acesso a esse ensino. Também se refletiu sobre os impactos biosociais que a música pode exercer sobre aqueles que estão envolvidos nela. Para atender aos objetivos propostos utilizamos pesquisa bibliográfica e a técnica de análise de conteúdo, inspirada nos desenvolvimentos de Laurence Bardin (1997). Nesse recorte, consideramos de maior relevância para a pesquisa as seguintes produções: Bréscia (2011), Loureiro (2003), Fonterrada (2008), Sekeff (2007) e Penna (2010) Concluímos pela necessidade de maior espaço para discussão e efetivação do ensino de música nas escolas, de forma amplamente acessível e promovida por profissionais habilitados na área.

Palavras-chave: Educação Musical. Função. Acesso. Formação. Escola.

Musical Education for what and for whom?

Abstract

This work is part of the research that investigated the professional trajectory of the graduates of the Music Degree course at a university in Santa Catarina. However, this article specifically presents an excerpt as to the reflection on the role of music education in the training of students in elementary schools and how access to this teaching occurs. It was also reflected on the biosocial impacts that music can have on those who are involved in it. To meet the proposed objectives, we used bibliographic research and the content analysis technique, inspired by the developments of Laurence Bardin (1997). In this section, we consider the following productions of greater relevance for the research: Brescia (2011), Loureiro (2003), Fonterrada (2008), Sekeff (2007) and Penna (2010) We conclude that there is a need for more space for discussion and effective teaching music in schools, in a widely accessible way and promoted by qualified professionals in the area.

Keywords: Musical education. Occupation. Access. Formation. School.



1 Introdução

2 Neste artigo¹ discutimos a função da música na educação e a quem está associada esta educação, ou ao menos a quem deveria estar. O acesso à música enquanto instrumento de mídia e de cultura de massa, notoriamente, tem aumentado nas últimas décadas. No entanto o acesso ao ensino de música, ou à iniciação musical não atingiu percentuais tão elevados.

Historicamente, o ensino de música manteve-se enquanto privilégio de uma minoria elitizada, aqueles que possuíam condições de financiar aulas em escolas e conservatórios particulares, mas novas legislações e normativas surgiram no panorama educacional brasileiro, propondo a ampliação do acesso ao ensino de música a todos os alunos da educação básica, o que deveria garantir um novo cenário para a educação musical no país. No entanto, não tem ocorrido exatamente dessa maneira.

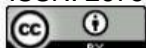
A forma da inserção do ensino de arte pode ser um dos fatores que desencadearam/desencadeiam o processo de desvalorização desse processo no contexto escolar, considerando a arte (música) como um momento de lazer ou mero entretenimento, à margem de sua cientificidade.

Esse artigo apresenta parte das reflexões que constituem a pesquisa de dissertação da autora, realizando um recorte em torno do papel da música e do efetivo acesso à educação musical nas escolas de educação básica do país.

Educação Musical para quê e para quem?

Para iniciar esta discussão torna-se necessário compreender o conceito de música no contexto da educação e para tanto utilizamos de pesquisa bibliográfica trazendo importantes referências da literatura em educação musical para endossar a reflexão.

¹ Trata-se de recorte da pesquisa de Dissertação do Mestrado Acadêmico em Educação, concluído em 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, com título Egressos Licenciados em Música: inserção e atuação na educação básica.





Penna (2010, p.24) considera que “música é uma linguagem artística, culturalmente construída, que tem como material básico o som”. E acrescenta, “Na medida em que alguma forma de música está presente em todos os tempos e em todos os grupos sociais, podemos dizer que é um fenômeno universal” (PENNA, 2010, p. 22).

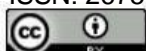
Sendo a música um fenômeno universal, uma arte contemplada e vivenciada diariamente nas mais diferenciadas nações, é preciso indagar sobre o que a torna tão necessária à vida humana. A consideração de Zagonel (2008), a respeito da vida contemporânea em tempos de globalização, assinala que a arte pode ser um espaço para o cultivo da dimensão humana em um contexto de muitas pressões e determinações externas sobre os sujeitos.

Numa sociedade em que os meios de comunicação dominam os mercados, influenciando e direcionando o gosto das pessoas, em que a tecnologia permeia todas as áreas de conhecimento e também as relações humanas, em que o consumo aumenta a cada dia e dita os hábitos familiares e pessoais, a arte seria uma forma de ativar e de estimular as sensações, o potencial criativo e as emoções humanas (ZAGONEL, 2008, p.29).

São relevantes as consequências estruturais nas relações humanas, oriundas do processo de globalização. Nossa sociedade apresenta um acelerado desenvolvimento sociocultural, onde a tecnologia associada à comunicação de massa domina o cenário. A interação da música com o mundo tecnológico é inevitável e necessária; no entanto, é preciso cuidado para que esta não perca sua essência e importância social.

Ao mesmo tempo em que é possível a qualquer indivíduo que tenha acesso à internet explorar e conhecer músicas de outras culturas, a influência da *mass mídia* associada ao baixo nível cultural de grande parte da população brasileira faz com que sejam veiculadas, na rádio e televisão aberta, músicos escolhidos por interesses e critérios de mercado que, em geral, constroem o gosto musical popular, limitando a audiência a um espectro muito pequeno de estilos e variantes musicais.

A tecnologia permite ao sujeito comunicar-se com diversas pessoas, de diferentes lugares ao mesmo tempo. A arte, além de comunicar permite a expressão





afetiva e criativa dos sujeitos e tem oportunizado cada vez mais processos inclusivos na sociedade.

O indivíduo expressa, por meio da arte, seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias e se sente participativo na sociedade na qual está inserido. A arte proporciona atividades que permitem a inclusão, e por isso são meios de transformação social (ZAGONEL, 2008, p. 30).

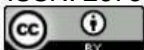
4

Cantar, tocar junto, produzir coletivamente são algumas das formas de possibilitar aos jovens, alunos no caso da escola, o sentimento de pertencimento a um grupo, promovendo vínculos, logo, incluindo. Esse sentimento influencia o ato de criar, encorajando-os a expressar-se e descobrir a alegria de produzir e até mesmo gerar novas amizades.

Para Carvalho (2008, p.75), “a arte é vista, ainda, como um modo de promover a inclusão social ao propiciar acesso aos bens culturais, bem como de transmitir conhecimentos e favorecer reflexões sobre a esfera sociocultural em que estão circunscritos”. A arte em geral, assim como a música promovem a inclusão social a partir do momento que possibilitam a todo e qualquer cidadão, independentemente de sua origem, aprendê-la e vivenciá-la.

De fato, o ensino de música por longo período perpetuou-se como privilégio de um grupo minoritário, elitizado. Embora conheçamos as origens de sua história, entendendo esta como pertencente a diversas civilizações e povos, muitas vezes tocada nas ruas e louvada nas igrejas, o fato é que a música de maior complexidade era apreciada e aprendida por aqueles que detinham recursos para pagá-la. No entanto, o ato de “fazer música”, independente do contexto e circunstância em que se faz, favorece a criação de laços, mesmo que momentâneos, entre aqueles que a produzem e ouvem.

Além de seu impacto nas relações humanas, a música também influencia aspectos individuais, que podem ser físicos e/ou psicológicos. Em relação às influências musicais no ser humano, Sekeff (2007) considera que a música tem ação precípua na atividade motora, (co)move, estimula a criatividade, a inteligência, o equilíbrio afetivo e





emocional, fomenta a memória, beneficia um desejado processo de autorrealização e satisfação, entre outras contribuições.

Outros autores corroboram a afirmação de que a música influencia e estimula sentimentos, comportamentos e potencialidades psíquicas.

5

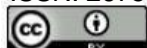
Ela exige e promove extroversão na maneira expressiva e vigorosa de tocar, *espírito de equipe* na prática conjunta da música, *retidão* à obra musical e à sociedade musical, *estabilidade* emocional no estresse do palco da apresentação artística, *inteligência* na interpretação apropriada de uma obra musical (BASTIAN, 2009, p.22)

Como mencionado, a música possui uma influência individual em cada ser humano, dentro de suas potencialidades e capacidades físicas, emocionais e psíquicas, e estas se constroem coletivamente também por meio da música, em práticas grupais, ensaios em conjunto, e tantas outras interações musicais possíveis, possibilitando ao indivíduo encontrar-se em “seu mundo”, tempo e espaço, pois “[...] praticar a música e experimentar a música são maneiras e modos especiais de encontrar-se no mundo e aí orientar-se [...]” (BASTIAN, 2009, p.33)

Os aspectos apresentados pelos autores supracitados consideram as influências da música em processos sociais, biológicos e afetivos, no entanto, há um aspecto fundamental na formação do homem que ainda não foi trabalhado, que é a educação propriamente dita.

[...] a música tem sido considerada ferramenta valiosa no campo da saúde (musicoterapia). Não seria também no campo da educação? Afinal, ela não só permite que se conheçam os sentimentos como também propicia o seu desenvolvimento. E isso porque a música “educa” os sentimentos, do mesmo modo que o cálculo matemático e a argumentação “educam” o pensamento (SEKEFF, 2007, p.36)

Se a música faz tão bem às pessoas é justo e importante que ela seja mais explorada nas escolas. Porém, diversos estudos mostram que a escola tende a minimizar o potencial da música enquanto promotora de valores e capacidades, reduzindo-a à sua dimensão lúdica ou festiva (OLIVEIRA, 2010). Pretendendo assentar-se na ciência, hipervaloriza os conhecimentos, esquecendo que para serem alvo de





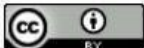
apropriação pelos alunos é preciso passar por processos psíquicos e emocionais. Bréscia (2011), por exemplo, considera que “cantar pode ser um excelente companheiro de aprendizagem na socialização, aprendizagem de conceitos e descoberta do mundo”, e acrescenta, “Tanto no ensino das matérias quanto, por exemplo, nos recreios, cantar pode ser um veículo de compreensão, memorização ou expressão de emoções” (BRÉSCIA, 2011, p.54). E também de conhecimentos.

Se a música por si só propicia tantas sensações e potencialidades para o ser humano, este apenas estando exposto a ela, ouvindo, apreciando, imaginemos os benefícios que ela poderá trazer aos alunos que tiverem acesso a aulas de música, compondo, cantando, tocando.

Considerar o amplo acesso que se tem à música fora da escola não justifica a sua falta no currículo escolar, uma vez que essa música chega aos nossos ouvidos sem nenhuma discriminação e consciência por parte de quem ouve. Além do mais, é negado aos alunos o acesso a uma área do conhecimento que certamente poderá levá-los a desenvolver seus potenciais artístico e criador, além de permitir que desenvolvam uma apreciação musical crítica e consciente (LOUREIRO, 2003, p.147).

É importante fazer uma ressalva à consideração de Loureiro, pois o amplo acesso que a população tem em termos de música é relativo. Que tipo de música é amplamente acessível? Apenas as promovidas pela mídia? Mesmo que no Youtube ou em outras plataformas possa-se ouvir todo tipo de música, por que razões um jovem exploraria músicas fora das tendências promovidas pela mídia? O que o moveria para essa exploração para além do comum e habitual? Nesse ponto, da diversidade das culturas, a escola poderia ter um papel importante.

Almeida (2009) relata pesquisa realizada sobre artistas que passaram a ser professores de arte na graduação. A pesquisa tinha como objetivo investigar o conceito de educação em arte, destes profissionais, bem como os limites e as possibilidades encontradas na atuação docente. Outro aspecto investigado refere-se à formação do artista no espaço escolar.





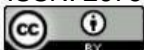
Entre os artistas entrevistados, constatei o consenso de que arte pode ser ensinada. Por outro lado, todos afirmaram que a escola não é diretamente responsável pela formação do artista, embora acreditem que ela tem a função de despertar e orientar uma vocação (ALMEIDA, 2009, p.91).

7 A primeira observação sobre essa afirmação refere-se a uma espécie de “crença” há muito tempo propagada pelo mundo todo, de que arte “é para quem tem dom!”. A colocação de Almeida (2009) sobre o fato de que a arte pode ser ensinada desmistifica essa compreensão. A arte, e a música podem ser ensinadas a todo aquele que estiver disposto a aprendê-la. O desempenho e a performance dependerão de cada um, a seu tempo e a seu modo, sendo que todos possuímos tempos diferentes de aprendizagem, para qualquer tipo de aprendizagem, e não somente para a área das artes.

Se essa fosse a verdadeira face da música, de que “é para quem tem dom!”, a sua inserção nas escolas do país teria outro problema, pois seriam necessários processos de seleção para identificar quem os teria, gerando uma divisão na escola, entre os que “podem e os que não podem” aprender música. O ensino de música tem justamente objetivo contrário, o de incluir cada vez mais pessoas nessa prática e vivência e nas experiências que desencadeia.

Outro dado na afirmação de Almeida (2009) é o de os professores-artistas, expressão que ela cunha, acreditarem que o papel da arte na escola seja o de despertar para uma vocação, e não necessariamente, de formar um artista. É importante mencionar que o objetivo da arte em geral e da educação musical nas escolas não é o de formar artistas, mas sim possibilitar o acesso a diferentes vivências e conhecimento em arte e música a todos os alunos. Talvez dessa prática surjam futuros profissionais da área, no entanto, este não é o objetivo da proposta que vem se disseminando nas escolas de educação básica do país.

Manifestar-se pela música, assim como pelo desenho faria parte da formação humana, enriquecendo o espectro de possibilidades de construção de si, de relações e de produções – seja em contextos de trabalho ou da vida pessoal. Assim como falar, escrever, caminhar, cozinhar, cantar ou expressar-se por um instrumento são formas de





inserção da subjetividade no espaço social e público. Formas de ser. Uma pessoa que consegue “ser” de muitas formas no mundo tem uma existência mais rica e desenvolve mais potencialidades que interagem e podem fazer dela alguém mais criativo, performático e bem sucedido na vida, em termos emocionais, intelectuais e profissionais.

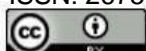
O acesso à música enquanto instrumento de mídia e de cultura de massa tem aumentado nas últimas décadas. No entanto o acesso ao ensino de música, ou à iniciação musical não atingiu percentuais tão elevados. Historicamente, o ensino de música manteve-se enquanto privilégio de uma minoria elitizada, como dito antes, aqueles que possuíam condições de financiar aulas em escolas e conservatórios particulares.

O ensino da música vem lutando pelo seu espaço no contexto institucionalizado. A sua prática, infelizmente, continua sendo privilégio de uma minoria que dispõe de recursos materiais e financeiros para sustentar um ensino desenvolvido em poucas escolas especializadas (LOUREIRO, 2003, p.146).

A universalização do ensino de música é conquista recente, e busca na escola (privada e pública) a possibilidade de efetivação. “A escola, como espaço de construção e reconstrução do conhecimento, pode surgir como possibilidade de realizar um ensino de música que esteja ao alcance de todos” (LOUREIRO, 2003, p.140).

Fonterrada (2008), por exemplo, apresenta a concepção de Dewey e Barbosa sobre educação musical, sua finalidade e direção, que convergem com a reflexão apresentada acima. “Na escola, o ensino da música não deveria restringir-se a alguns talentosos, mas ser acessível a todos, contribuindo para a formação integral do ser humano” (FONTEERRADA, 2008, p. 210)

São muitos os desafios a serem enfrentados pela área da educação musical nas escolas do país. Não há uma sistematização deste ensino na maioria das escolas e ainda são relativamente poucos os profissionais licenciados em música atuando nas mesmas. Na falta desses profissionais, o ensino de música poderá ser realizado por profissional de outras áreas, e esta possibilidade levanta dúvidas sobre a qualidade deste ensino. É fato que esta, também, têm sido a realidade de praticamente todas as





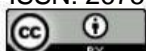
áreas, e não apenas da educação musical, onde faltam professores licenciados e são contratados profissionais com diferentes formações para nela atuar. No entanto, para Penna (2010, 147), “Na falta da formação específica, este trabalho pedagógico com música muitas vezes é esporádico e superficial, ou até mesmo inadequado [...]”. Esta tendência se justifica ao considerarmos que o profissional formado na área terá maior conhecimento e capacidade de argumentação sobre a importância e o papel do ensino de música nas escolas, bem como, melhores condições de desenvolver propostas consistentes para este ensino.

A forma inadequada deste ensino pode ser um dos fatores que desencadearam/desencadeiam o processo de desvalorização da arte no contexto escolar, considerando a mesma como um momento de lazer ou mero entretenimento, à margem de sua cientificidade.

É sintomático que, em grande parte das escolas, a disciplina artes (ou educação artística, terminologia ainda vigente) não seja valorizada do mesmo modo que as outras; via de regra, o professor de artes é considerado o *festeiro* da escola, aquele que ajuda os alunos a *passarem seu tempo* enquanto se recuperam dos esforços empreendidos com as disciplinas consideradas “importantes” (FONTERRADA, 2008, p. 229)

A prática descrita acima, de transformar o professor de arte em organizador das festas, decorador dos espaços e murais da escola pode ser observado diariamente em grande parte das escolas de educação básica. Isso se deve à falta de compreensão sobre a área e suas potencialidades no desenvolvimento do ser humano, pois se o ensino de arte, de música, fosse entendido em sua complexidade seria aproveitado para além de ações em datas comemorativas e festas, como é frequente constar-se nas escolas.

Assim, o papel do professor de música na escola precisa ser trabalhado nos cursos de formação para fortalecer sua capacidade de argumentação e de elaboração de propostas consistentes que ajudem a construir uma visão significativa na comunidade escolar, o que implica em ampliar a visão de gestores, professores de outras áreas e alunos sobre a música na escola. Podemos trabalhar a música na escola como uma





forma de possibilitar o acesso às diferentes manifestações culturais existentes, despertando nos alunos sensibilidade para a diversidade cultural e humana, senso crítico e ampliação de consciência por meio do conhecimento técnico/artístico/cultural em música, contribuindo para a formação integral do aluno.

Considerações Finais

Diante das análises apresentadas no artigo, consideramos que a sociedade de uma maneira geral pode esperar da educação musical uma importante contribuição para melhorar a convivência humana, baseada nos preceitos e valores do bem comum a todos. As transformações esperadas podem referir-se à formação do ser humano enquanto ser reflexivo, crítico e solidário para com seu congênere, que lutará por ideais e causas sociais, como por exemplo, pela valorização profissional, pela isonomia nos direitos e deveres de todo cidadão, pela justiça, entre outras questões.

Manifestar-se pela música, assim como pelo desenho faria parte da formação humana, enriquecendo o espectro de possibilidades de construção de si, de relações e de produções – seja em contextos de trabalho ou da vida pessoal.

São muitos os desafios a serem enfrentados pela área da educação musical nas escolas brasileiras. Não há uma sistematização deste ensino na maioria das escolas e ainda são relativamente poucos os profissionais licenciados em música atuando nas mesmas. Também são poucos os profissionais formados, em comparação ao número de escolas existentes no país, o que poderia sugerir maior investimento público nessa formação (uma discussão para outro momento).

Conclui-se que, se a música tem potencial transformador é justo e importante que ela seja mais explorada nas escolas e que seu acesso deve ser oportunizado de forma ampla e qualificada.

Referências





ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BASTIAN, Hans Günther. **Música na Escola: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança.** 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

11

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva.** Campinas, SP: Editora Átomo, 2011.

CARVALHO. Livia Marques Carvalho. **O ensino de artes em ONGs.** São Paulo: Cortez, 2008.

DALLAZEM, Aline. Egressos Licenciados em Música: inserção e atuação na educação básica. 2013. 194 p. **Dissertação** (Mestrado Acadêmico em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGE, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2013.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação.** 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

OLIVEIRA, Tânia Regina Antunes de. **A arte e professores de arte na escola: expansão ou extinção? Descompassos entre a legislação, formação e trabalho.** Lages: UNIPLAC, 2010. Dissertação, Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, 2010.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino.** 2ª ed. rev e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos.** 2 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar.** Curitiba: Ibpex, 2008.

ⁱ Aline Dallazem, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4798-5479>

Universidade do Planalto Catarinense

Licenciada em Música, Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Publicidade e Propaganda. Especialista em Arte e em Musicoterapia. Mestre em Educação. Atualmente é professora da Uniplac, e possui experiência em Projetos e Assessoria Pedagógica, e gestão em educação.





Contribuição de autoria: a autora desenvolveu a pesquisa de dissertação relatada nesse trabalho, desenvolvendo e aplicando as metodologias e estudos pertinentes, bem como elaborou esse texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8537706014683509>

E-mail: aline.dallazem@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: Francisca Karla Botão Aranha

Como citar este artigo (ABNT):

DALLAZEM, Aline; Educação Musical para quê e para quem? **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 3, e335598, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i3.5598>

Recebido em 23 de abril de 2021.

Aceito em 17 de junho de 2021.

Publicado em 18 de junho de 2021.

